

Hélder Costa

O Mistério da Camioneta Fantasma



Teatro

Edições Colibri

Hélder Costa

O Mistério
da
Camioneta Fantasma



Edições Colibri

Lisboa

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Costa, Hélder, 1939 -

O mistério da camioneta fantasma. -

(Colibri teatro; 6)

ISBN 972-772-295-4

CDU 821.134.3-2 "19"

Título	<i>O Mistério da Camioneta Fantasma</i>
Autor	Hélder Costa
Colecção	Colibri Teatro
©	Hélder Costa e Edições Colibri
Editor	Fernando Mão de Ferro
Paginação	Albertino Calamote
Revisão	Maria Fernanda Araújo
Execução gráfica	Colibri – Artes Gráficas
Depósito Legal	172 293/01
Tiragem	1000 exemplares
Lisboa	Setembro de 2001

Edição patrocinada por:

INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS

MINISTÉRIO DA CULTURA

O Mistério da Camioneta Fantasma

No dia 19 de Outubro de 1921 deu-se mais um golpe militar contra um governo republicano. Demissão do Ministério e nem soou um tiro.

O golpe nascera na Armada e tinha a chefia-lo um dos heróis do «31 de Janeiro», o tenente-coronel Manuel Maria Coelho. Tratava-se, portanto, de um golpe de esquerda contra o governo de António Granjo, prestigiado combatente transmontano nas forças republicanas que se opuseram a Paiva Couceiro. Este governo imprimia medidas impopulares para tentar equilibrar a bancarrota e combater o desemprego e a miséria do pós-guerra.

Entretanto, durante o dia e na noite seguinte, uma camioneta começou a percorrer a cidade, raptando e assassinando figuras importantes da República: o primeiro-ministro António Granjo, Machado Santos, o herói da Rotunda, Carlos da Maia, o comandante do navio *D. Carlos*, que tinha atacado o palácio real no «5 de Outubro» e o almirante Botelho de Vasconcelos.

Conduzida por marinheiros, essa camioneta de morte provocou um enorme choque emocional na sociedade, que se dispôs a castigar os autores desses assassinatos de lesa-pátria e lesa-república.

Os autores foram presos e vários oficiais absolvidos, num processo que também se quis julgador da esquerda republicana.

Tudo estava resolvido, mas, para várias pessoas, o processo tinha algumas zonas escuras.

E Berta Maia, a viúva de Carlos da Maia, dispôs-se a investigar quem poderiam ser os instigadores e autores morais desses crimes. Depois de vários encontros com o marinheiro que chefiava a carrinha, Abel Olímpio, o Dente de Ouro, este confessou que tudo tinha sido uma conspiração monárquica destinada a eliminar os autores do «5 de Outubro», e que a tática seguida era a de «infiltrar e depois empalmar os movimentos revolucionários».

O que foi feito com sucesso. Perante estes novos dados, que se passou? Nada.

Entretanto, dera-se o golpe do «28 de Maio» e foi decretado silêncio absoluto sobre os acontecimentos da noite sangrenta.

Hélder Costa

Personagens principais

BERTA MAIA

CARLOS DA MAIA

IRMÃO DE CARLOS DA MAIA

ABEL OLÍMPIO, O DENTE DE OURO

PADRE LIMA

D. AFONSO XIII

EXILADO PORTUGUÊS

MILLAN ASTRAY

GASTÃO MELO MATOS

ALFREDO DA SILVA

CARLOS PEREIRA

AUGUSTO GOMES

CONDE DE TAROUCA

CONDESSA DE TAROUCA

BARONESA DE SINTRA

RAUL LEAL

FERNANDO PESSOA

VIRGÍLIO PINHÃO

HÉLDER COSTA

BALDY BELÉM

BARBOSA VIANA

SALAZAR

SENHORA MARIA

MARINHEIROS

CORISTAS

1.º Acto

Berta Maia encontra o Dente de Ouro

Pesadelo

Julgamento

Ódios e necessidades

Primeira reunião dos conspiradores

Memórias de Carlos da Maia

O Dente de Ouro começa a falar

Pesadelo / «flash back»

D. Afonso XIII com exilados portugueses

Conspirador espanhol

2.º Acto

Acções do Padre Lima e do Dente de Ouro

A Confissão

Ordem para matar

Tertúlia do Orpheu

Últimas ordens

O golpe em marcha

A hipocrisia

Investigação e vontade política

A impunidade

Pesadelo e melancolia

O silêncio

Cena 1

Berta Maia encontra o Dente de Ouro

(BM sentada junto de uma porta de vidro. Ouvem-se vozes na sala contígua).

VOZ – Então tu não disseste em casa de Carlos da Maia «ele também não teve dó de mim, mandou-me para África ganhar dez réis por dia e minha mãe morreu de dor»? Continuas a negar?

ABEL OLÍMPIO – Sim.

VOZ – És capaz de dizer isso diante da viúva?

ABEL OLÍMPIO – Sim.

(Abre-se a porta e chega AO, com o director da polícia, Barbosa Viana).

BERTA MAIA – *(Atira o chapéu para longe)* – Estás a conhecer-me? Olha bem para mim. Não me deste tiros, mas fizeste de mim um cadáver! Nunca esquecerei esse dia, esse 19 de Outubro...

(BM avança para AO, e o polícia senta-se num sofá).

ABEL OLÍMPIO – Esta senhora é a única pessoa que me pode acusar.

BERTA MAIA – Bandido, roubaste-me a minha felicidade, fizeste órfão o fruto do nosso amor, mataste um homem honrado e sério. Porquê? Quem te mandou? Porque disseste mentiras? Os outros marinheiros estavam a desistir de levar o meu marido, e tu foste o mais duro, o mais cruel, foste tu que o levaste... Porquê? Quem te mandou? Diz, Dente de Ouro! Diz, maldito!

ABEL OLÍMPIO – Dê-me dois tiros, minha senhora.

BERTA MAIA – Mais que o castigo, o que eu quero é saber o porquê da morte do meu marido. Fala, Dente de Ouro! Fala! Alguém conseguiu os seus fins, dentro ou fora do movimento. Fala! Quem foi o cobarde que te deu essas ordens e que se esconde?

(Vozes e gritos: Assassino! Assassino!)

BARBOSA VIANA – Calma! Calma!

BERTA MAIA – *(Abeira-se dele)* – Quem te mandou?

ABEL OLÍMPIO – Ninguém.

BERTA MAIA – Mas tu tens conspirado, andaste com integralistas, estiveste preso por isso, andaste com o Padre Lima... Porquê? Para quê?

ABEL OLÍMPIO – Eu sou republicano. Meti-me nessas conspirações para saber o que se passava e contar aos republicanos.

BERTA MAIA – Ai sim? Então conta tudo o que sabes.
Aqui somos todos republicanos, não tens problema.

ABEL OLÍMPIO – Tratava-se de um movimento nacional
comandado por um capitão de fragata.

BERTA MAIA – Até que enfim! Eu disse que tu falarias!
Quem é esse capitão de fragata?

ABEL OLÍMPIO – Não sei, não digo, não me façam mais
perguntas, não digo.

BERTA MAIA – Em que fragata é que está esse oficial?

ABEL OLÍMPIO – Não sei, não sei.

BERTA MAIA – E outros que estiveram no movimento?

ABEL OLÍMPIO – Havia o Padre Lima.

BARBOSA VIANA – Esse já sabíamos. O Padre já confes-
sou que andava em conspirações contigo.

ABEL OLÍMPIO – Como vêem, eu falo verdade. Só falo
do que sei.

BERTA MAIA – Tu escondes a verdade, marinheiro. Tu
escondes a verdade, maldito! Mas eu hei-de desco-
brir tudo, eu hei-de limpar a honra do meu querido
marido.

Cena 2
Pesadelo

(Percurso da camioneta fantasma. Som da viatura misturado com derrapagens e música. Pausa. Passos. Pancadas numa porta).

BERTA MAIA – Quem é?

ABEL OLÍMPIO – O sr. comandante Carlos da Maia.

BERTA MAIA – O quem?

ABEL OLÍMPIO – O sr. coronel Manuel Maria Coelho quer falar com o sr. comandante.

CARLOS MAIA – Mandem-me um oficial da minha patente para me acompanhar.

ABEL OLÍMPIO – Tem de vir já.

BERTA MAIA *(De joelhos)* – Larguem o meu marido, deixem-no. Ele nunca fez mal nenhum. Sempre protegeu os marinheiros. Deixem-no!

CARLOS DA MAIA – Levanta-te Berta, uma senhora não suplica a esta gente!

(Abel Olímpio empurra Carlos Maia. Som da camioneta).

Cena 3
Julgamento

BERTA MAIA – Sr. Dr. Juiz, a minha dor é imensa e a minha revolta não tem nome. Sei que não me podem dar outra vez o meu querido marido, sei que nunca deixarei de sofrer pelo seu desaparecimento. Quero que este tribunal faça justiça, que liberte a memória de Carlos da Maia de qualquer mancha ou calúnia e que faça luz sobre o mistério desta noite e destas mortes que enlutaram tanta gente de bem.

É a minha esperança para que o ódio – que Deus me perdoe – adormeça no meu coração.

Julgamento

CARMONA – Eu, Óscar Fragoso Carmona, acusador público, declaro que estou aqui para cumprir o meu dever, como militar que sou, e só à lei e ao dever obedeço no exercício deste espinhoso cargo.

DENTE D'OURO – Vou perguntar eu, réu e criminoso, porque não soube o Governo guardar as moradias dos cidadãos ameaçados por facínoras que poderiam andar toda a noite a cometer crimes que ninguém surgiria para os evitar. Disso os acusarei; juro!

CARMONA – Os acusados, os oficiais que realizaram o

19 de Outubro, não tiveram ligações com os assassinos, mas a verdade é que não tomaram as providências eficazes que deveriam tomar para que se evitassem, se não todos, pelo menos alguns dos crimes.

BERTA MAIA – Tu falarás, não hoje, neste Tribunal, mas mais tarde, tu falarás.

CARMONA – Finalmente, em Fevereiro de 1923, acabámos o julgamento dos bárbaros crimes do 19 de Outubro de 1921. Abel Olímpio (o Dente de Ouro), Heitor Gilman e José Carlos, 10 anos de prisão maior e 20 de degredo, Mário de Sousa, Acácio Cardoso, Matias Carvalho, Palmela Arrebenta, José Maria Félix, Acácio Ferreira, 8 anos de prisão maior seguidos de 20 de degredo (*redução de voz*). Benjamim Pereira, Manuel Aprígio, Baltazar de Freitas...

JAIME CORTESÃO/RAUL PROENÇA – (*Com um exemplar da Seara Nova*) – O que vai sair daqui? Quem esperará ver nos ministérios que se seguirem outra coisa que não seja ministérios de simples expediente administrativo?

É isto quando a força das coisas e a própria lógica nos não levarem para uma ditadura militar, com toda a opressão do sistema militar e o predomínio dos interesses militares.

Nós, que fizemos o voto de dizer toda a verdade, levantamos a nossa voz de protesto e acusação. Acusamos os de ontem e os de hoje. Os que já fize-

ram o mesmo e agora condenam os outros, e os que, para corrigir os erros passados, começam por seguir os métodos do passado. Acusamos os partidos da oposição, que conheciam o que se ia passar e nada fizeram para evitar a catástrofe.

Acusamos os que fomentaram todas as desordens, os que fizeram silêncio sobre todos os desvarios demagógicos, que não tiveram uma palavra de condenação e de proscricção para os miseráveis que, dizendo-se seus partidários desmentiam todos os sentimentos de humanidade. Acusamos os potentados da finança (exploradores, especuladores, açambarcadores, falsificadores, inimigos do povo) que vivem de sugar todo o sangue da Nação pelas ventosas da sua ambição desmedida.

Acusamo-nos a nós próprios por só agora termos tido este grito.

ROCHA MARTINS – Condenados só vi, até agora, os executores, aqueles cujas culpas não oferecem dúvidas. Trabalharam por sua conta estes carrascos? Saiu das suas cabeças essa ideia terrível de assassinar gente honrada e deixar com vida tantos miseráveis? Quem preparou a aura do terror? Das suas revelações é que depende a justiça, não a do tribunal republicano, que só condena marujos e soldados, mas a outra, a que algum dia, tarde ou cedo, se fará em nome da Nação.